

A Magia nas intermitências da Religião

Delineamentos sobre a magia em Marcel Mauss

José Carlos Pereira

Doutorando em Ciências Sociais – PUC/SP

Marcel Mauss trabalha o conceito de magia comparando e contrapondo-a com a religião. Através de uma linha divisória imaginária entre ambas, ele demonstra que as duas, ora se confundem, ora se distinguem dentro do mesmo campo do sagrado. Logo no apêndice da obra “*esboço de uma teoria geral da magia*”,¹ o autor deixa transparecer a importância, para quem estuda a religião como um fato social, lidar com esses elementos aparentemente opostos e paradoxais, que estão ligados e convivem de forma intrínseca num mesmo espaço. No estudo da magia, o autor trabalha com elementos antagônicos. Constrói oposições não só entre religião e magia, mas também entre outros elementos do campo do sagrado, como, prece e encantamento, sacrifício e oferenda, mito e lenda, Deus e espírito, etc. Essa relação entre os opostos já transparece em outro texto seu, intitulado “*ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício*”.² Nesse, Mauss demonstra que o sacrifício, elemento fundamental da religião, quando confrontado com a magia, é de suma importância para se compreender a religião. A proposta de Mauss, confrontando dois temas, aparentemente opostos, é elaborar uma teoria do rito e uma noção de sagrado. O rito tem um caráter de imposição, ou seja, impõe-se algo para obter determinado fim. Mauss quer demonstrar que a prática da magia e da religião, só tem sentido enquanto relacionados com a vida social. Ambas ocorrem através de rituais e a importância e o sentido do rito não está na prática individual, mas social. Magia e religião são, portanto, fatos sociais que acontecem intermitentemente no âmbito do sagrado.

¹ Cf. Marcel MAUSS. *Esboço de uma teoria geral da magia*. In; *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac & Naif, 2003, pp.47-181.

² Marcel MAUSS e Henri HUBERT. *Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício* (1899). In; *Ensaio de Sociologia*, 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 2001, pp. 141-227.

Pode-se afirmar, portanto, que a análise sobre a magia feita por Marcel Mauss é uma espécie de introdução à noção de sagrado. A força do sagrado é elemento constitutivo da mesma. Como se constrói uma teia, Mauss, ao logo da sua abordagem analítica, vai tecendo e amarrando a noção de sagrado, fundamentada nesse contraponto (religião e magia), sempre com a preocupação de constituir categorias de análises. Tanto a magia quanto à religião dá a noção de sagrado. A princípio, se tinha a idéia de que na magia não havia a potência do sagrado, mas aprofundando no texto, percebemos que o mágico age sob forças espirituais, portanto, religiosas. Assim sendo, descobrimos que a magia também pertence ao campo do sagrado.

Se magia e religião pertencem ao campo do sagrado, e o campo do sagrado é social, como encaixar a magia nesse campo, uma vez que, segundo Mauss, sua prática é individual e não social? Portanto, quando se analisa a magia, como fica a dimensão social e sua importância? Para Mauss, é ponto pacífico que a noção de sagrado é uma noção social. Se a magia tem a ver com o sagrado, se ela pertence ao campo do sagrado, logo a mesma é também um fato social. Com isso, Mauss apresenta uma controvérsia, apontando para a importância de se estudar o rito como meio de compreensão da magia, pois todo o rito é algo que se dá no social. De acordo com seu pensamento, todo rito é definido pela sua eficácia. Se não tiver eficácia, não é rito. O rito acontece dentro de um espaço determinado, no tempo e na história. Portanto, um dos objetivos de Mauss não é explicar a história da qual faz parte a magia, ou a história da magia propriamente dita, mas compreender a magia, através do estudo do rito, como um fato social dentro da história.

Referente ao âmbito histórico, o texto de Mauss apresenta de forma subliminar, uma crítica a maneira como a magia vinha sendo estudada até então. Os autores que até aquele momento estudaram a magia (ex; Tylor, sir Alfred Lyall, Jevons, Lang e Olden-berg), faziam dela uma espécie de ciência antes da ciência. A princípio, a magia, não operava com deuses e demônios. Esse dado operacional, com pólos opostos, foi emprestado das religiões, ou, na pior das hipóteses, foi “contaminado” ou influenciado pela religião. Para Frazer, a magia precedeu a religião (embora não aja concordância com isso, por parte de Mauss) e, a seu ver, a religião é resultado dos fracassos e dos erros da magia. Com todas essas controvérsias e afirmações, Mauss constata que até aquele presente momento,

ninguém, ainda, havia dado uma noção clara e completa, portanto, satisfatória, sobre a magia e esse seria seu empenho.

De acordo com Mauss, só é possível discutir sobre magia, a partir da religião, ou ainda, discuti-la em confronto com a religião, porque ambas são faces de uma mesma moeda. Para fazer essa discussão, ele se preocupa com a metodologia e, no transcorrer de seu ensaio, vai mostrando, de forma metodológica, como se constrói o conhecimento. Há uma acentuada preocupação com as fontes, às quais ele critica de forma contundente. Deixa claro que é preciso encontrar um novo ângulo nas abordagens, conhecer o caminho que já foi feito, para, só assim, poder construir algo novo. Mostra que é preciso saber criticar tais caminhos, as fontes utilizadas na construção do mesmo, para, dessa forma, poder atingir o objeto a ser conhecido. A magia, até então, era considerada apenas como objeto de especulação, algo puramente prático e não teórico. Pertencia mais a história da magia que aos trabalhos científicos. Mauss se propõe então a constituir uma noção de magia que ainda não havia sido constituída. Algo que não estava pronto, mas por fazer. Para isso, afirma ser necessário considerar o maior número possível de atos mágicos, e não formular uma teoria a partir de uma ou duas manifestações ou fatos considerados mágicos. Seu método propõe uma volta ao estudo da magia em sociedades primitivas (lembramos aqui que para Mauss primitivo não significa uma cultura atrasada, pois para ele não há essa distinção entre “civilizados” e “primitivos”, como há no senso comum. O que importa são às experiências de cada grupo). Os grupos que Mauss se propõe a estudar a magia e seus rituais, são diferenciados um do outro, como, por exemplo, algumas sociedades do México, Índia e entre agrupamentos de povos australianos. Chama a atenção para o interesse que tais grupos e suas categorias desenvolveram para os fatos elementares, constitutivos da magia.

Uma das preocupações primordiais de Mauss é com a definição de magia. É o que ele propõe fazer no segundo capítulo, onde inicia mostrando que a magia é uma classe de fenômeno que se distingue de qualquer outro fenômeno e que pode ser estudado de forma diferenciada, como fato social. Magia é um fenômeno que não se confunde com religião, ou pelo menos não deveria se confundir, embora ambas, magia e religião, possuam elementos comuns. Ela, a magia, tem características próprias e não pode ser confundida com outros fenômenos. Pertence a uma classe distinta de fenômenos sociais, por isso é necessário empenhar-se para construir uma definição que demonstre tais distinções. A magia, para

Mauss, compreende agentes, atos, representações, enfim, um conjunto de ritos e mitos que definem seus contornos. O agente da magia é aquele que, segundo o autor, chamamos de mágico, ou seja, é o indivíduo que efetua atos mágicos, mesmo quando não é um profissional. Diferentemente do agente da religião, que, geralmente, é um profissional do sagrado.

Para definir e trabalhar com o conceito de magia, Mauss parte da teoria do rito, mas não sem antes, entrar na distinção entre os atos que fazem parte do rito, como, por exemplo, os atos jurídicos, técnicos ou mesmos, os atos religiosos, entre outros. O ato mágico se distingue de todos esses atos, apesar de existir nos mesmos, pontos que tangem a magia. O que caracteriza o ato mágico é a sua repetição. Atos mágicos se repetem. Aquilo que não se repete, não pode ser considerado um ato mágico. Mas essa não é uma característica única, pois nem tudo o que se repete é mágico. Além do mais, para ser um ato mágico é necessário que haja a crença coletiva. O grupo todo tem que acreditar para que o ato seja, de fato, considerado do campo da magia, algo eficaz, como deve ser toda mágica. Para se enquadrar na categoria de ato mágico, ele tem que produzir resultados. Assim sendo, a magia é uma idéia do coletivo, reconhecida pela coletividade, distinta daquilo que propôs Durkheim, onde a magia era vista como um ato, ou uma idéia, individual. Tanto é verdade, que Mauss se preocupa o tempo todo, em mostrar sua idéia de magia, como algo coletivo. Exatamente por ser coletiva, que a magia é considerada um fato social, e é nesse ponto que ela se assemelha à religião, confundindo as fronteiras, pois a religião é um fato social. Dessa forma, para Mauss, ambas, são fatos sociais e atos tradicionais. A diferença está no fato de que, a primeira vista, a magia trabalha com o pólo do malefício e a religião com o pólo do benefício, simbolizado no sacrifício, mas ambas, não deixam de manifestar representações coletivas.

Uma outra diferença entre o ato mágico e os demais atos, por exemplo, o ato jurídico, está no fato de que esse não possui eficácia em si mesmo, portanto, não é mágico. O ato mágico é eficaz em si mesmo. O ato jurídico, ou um outro ato técnico, é mecânico, enquanto a eficácia dos ritos mágicos não é mecânica. É nesse ponto que se distingue e acentua as diferenças entre os atos mágicos e os outros atos, inclusive o religioso. Mas, a reflexão fundamental feita por Mauss, está entre as diferenças e semelhanças existentes entre os atos mágicos e os atos religiosos. No “esboço de uma teoria geral sobre a magia”,

ele dialoga e polariza o tempo todo com esses dois tipos de atos, fazendo críticas às teorias de Frazer, que afirmava que os ritos mágicos eram simplesmente atos simpáticos. Mauss considera insuficientes os argumentos e critérios apontados por Frazer para definir a magia. Segundo ele, os critérios de Frazer não servem para elaborar uma teoria sobre a magia, destacando, assim, a necessidade de outras formas de abordagens que elucidem as distinções, definam o que é de fato um ato mágico e o que é um ato religioso.

Partindo das críticas feitas a Frazer, Mauss aponta a magia e a religião de forma seqüencial, como sendo uma após a outra. Procura demonstrar que magia e religião se dão ao mesmo tempo, ambas estão juntas e, muitas vezes, é de difícil distinção, embora todo seu esforço seja para distingui-las. Para ele, podem ocorrer atos religiosos na magia e atos mágicos na religião. Para elaborar um esboço sobre a teoria geral da magia, Mauss parte da análise dos ritos, fazendo classificações dos mesmos. Lembremos, aqui, que tais classificações, são decorrentes de seu método. No momento que escreve sobre a magia, ele está escrevendo também sobre “*algumas formas primitivas de classificação*”.³ Nesse contexto, aplica-se esse método de classificação, tendo como ponto de partida, os ritos, que são, certamente, religiosos. Segundo ele, os ritos religiosos são solenes, públicos, obrigatórios, regulares. Nesses casos, cita o exemplo das festas e dos sacramentos. Apesar de Frazer não reconhecer alguns destes ritos como ritos religiosos, Mauss afirma que são ritos religiosos. Contrapondo esses ritos que foram classificados como sagrados, ele aponta os ritos que são maléficis. Esses tipos de ritos são considerados mágicos. Portanto, acentua-se a diferença entre ritos religiosos e ritos mágicos, pontuando que, um pertence ao campo do sagrado e o outro ao campo da magia. Considerando que, desde sempre, a humanidade faz idéia de magia como algo maléfico, Mauss retoma essa concepção na sua análise, mostrando que há uma zona confusa nessa distinção do senso comum. Demonstra que, na verdade, as fronteiras entre o ato mágico e o ato religioso, entre magia e religião, não estão totalmente definidas como a princípio se parece. A distinção entre magia e religião não é tão simples assim. O que há é um parentesco entre ambas, com agentes diferentes, ou seja, os agentes da magia e dos atos religiosos são distintos e atuam em lugares também distintos. Enquanto que os atos religiosos são praticados nos espaços públicos, legitimados, os atos mágicos são praticados as escondidas, em espaços secretos,

³ Cf. Marcel MAUSS e Émile DURKHEIM. Algumas Formas Primitivas de Classificação. In; Ensaio de Sociologia, São Paulo, Perspectiva, 2º ed., 2001, pp.399-455.

permeados de segredo. Assim sendo, dá para se concluir que a força da magia está no segredo, no não dito, que passa pelo mistério do interdito. Se para a magia a palavra tem poder, o silêncio também tem. O silêncio, o não compreendido, é fundamental para a eficácia da magia. O ato mágico depende do coletivo para se legitimar, mas tem que preservar o mistério que o envolve, o interdito, o proibido. É do proibido que emana o ato mágico. É próprio do rito mágico assumir-se como anti-religioso e as pessoas desejam que assim seja.

Percebemos que as distinções entre práticas religiosas e práticas mágicas são bem estabelecidas, embora, para Mauss, magia e religião pertençam ao universo do sagrado. Enquanto a religião aparece no pólo da moral, a magia aparece no pólo da necessidade. Um dos propósitos que parece perpassar todo o texto de Mauss é saber qual a relevância em distinguir a magia da religião. Portanto, na definição provisória de Mauss, o rito mágico é aquele rito que não faz parte de um culto organizado. É o rito privado, secreto, misterioso, e que tende permanecer no limite do rito proibido, enquanto que o rito religioso possui uma organização pré-estabelecida e reconhecida como tal. Assim sendo, Mauss não definiu a magia pela forma de seus ritos, mas pelas condições nas quais tais ritos se produzem e que marcam o lugar que ocupam no conjunto dos hábitos sociais.⁴

Enquanto aborda os elementos da magia, Mauss procura definir, em primeiro lugar, quem é o mágico e quais suas características? Questiona sobre quem pode ser mágico e quais os atributos gerais do mesmo? Qual o seu perfil, ou tipo ideal? Demonstra que, não se tem magia se não se tem o mágico! Enfim, faz-se uma abordagem sistemática das qualidades do mágico (que aqui, para não sermos demasiadamente extenso, preferimos omitir), para se entender o ato por ele praticado. Portanto, para entender a magia, faz-se necessário primeiro, conhecer quem a pratica, ou seja, o mágico. O mágico é classificado como um especialista, ou mais que isso, é o agente dos ritos mágicos que possui características externas detectáveis. Algumas dessas características são adquiridas, outras, congênitas. Não basta querer ser mágico, é preciso antes, ser portador de alguns aspectos físicos, que funcionam como sinais. O mágico é sempre um ser diferenciado, e essa diferenciação, é reconhecida no próprio olhar do mágico. O olhar do mágico tem uma importância muito grande nesse universo de encantamento. É o que possibilita realizar uma

⁴ Cf. Marcel MAUSS. Definição de magia. In, Esboço de uma teoria geral sobre a magia, p. 61. In; Sociologia e Antropologia, Cosac & Nayf, São Paulo, 2003, pp. 49-181.

comunicação mais efetiva, meio de transmissão do mistério. A força do olhar tem tanta significância, que o mágico não escapa a força desse olhar. Crê-se que ele tem poder de acrescentar algo a realidade observada. O mágico é sempre visto como uma personalidade diferenciada, que esta envolta numa aura de mistério, com supostas capacidades, de, ao mesmo tempo, se transportar de um lugar para outro.

Mesmo que o rito mágico não seja cumprido por um especialista, trata-se de alguém, em particular, que se enquadra aos padrões do mágico, ou que possui as características que possibilita a realização do ato mágico. Segundo o autor, não é qualquer um que pode praticar atos mágicos, porque o ato mágico implica certas exigências, e uma delas, é a alteração do estado físico e mental de quem o realiza. Para tanto, há uma preparação prévia, embora o mesmo já possua os requisitos básicos para a prática de tais atos. O mágico, segundo dados apontados por Mauss, não é quem escolhe ser mágico, mas é alguém que já nasceu com as predisposições para sê-lo, diferentemente do sacerdote, que escolhe ser sacerdote, e essa escolha, é legitimada por uma instituição. Mauss, para exemplificar a magia, trabalha o tempo todo com essa polarização entre o sacerdote e o mágico, tentando mostrar o que há de excepcional nessa relação. Nesse contraponto entre o mágico e o sacerdote, entre magia e religião, desponta as funções e os fatos sociais da magia.

Após delinear as características do mágico, Mauss procura equacionar as características do ato por ele praticado, ou seja, as particularidades da magia. Destaca a dimensão do oculto, do escondido, aspecto fundamental da magia. A magia está associada ao extraordinário da vida. Dessa forma, responde, em parte, sobre o porquê da existência da magia? A magia existe porque existe a crença na mesma! Sem a crença, quebra-se o encantamento e a magia deixa de existir. A crença propicia o encantamento. Não obstante a tais apontamentos, Mauss nos leva a perguntar: de onde vem a crença que dá poder a magia? A crença que dá poder a magia, ou a crença nos poderes mágicos, irradia do social. Assim sendo, a magia é socialmente gerada, portanto ela é um fato social. Se a magia é um fato social, do qual emana seu poder, como fica a atuação daquele que executa o ato mágico? Existe realmente poder na pessoa do mágico? Esse é um outro questionamento que surge no decorrer da reflexão de Mauss sobre a magia. Mauss quer demonstrar que o poder emana do social e não de um indivíduo. É o grupo, a coletividade, que legitima o poder do

mágico, que se dá através da crença. É a sociedade que “fabrica” o mágico. A abordagem destes fatos e questionamentos que envolvem a magia faz parte da metodologia utilizada por Mauss. Para entendê-la, no seu contexto, como um todo, é necessário seguir tal método. Ele junta todos os elementos possíveis que a cercam, que a envolvem, para dar conta de respondê-la por completo. Um desses elementos, como já citamos, é a religião. Para conhecer os elementos da magia é preciso contrapô-los a religião. Não é possível elaborar uma teoria sobre a magia, sem passar pela religião, ou, definir a religião. A definição de magia está estreitamente ligada a definição de religião. Quando Mauss descreve os elementos da magia, ele a cerca, para que possamos, também, conhecer a religião.

Um outro dado que possibilita distinguir a magia, como já referimos, é o conhecimento de quem a pratica, ou seja, faz-se necessário conhecer antes o seu contexto ou classe social. Os mágicos, geralmente, pertencem a uma classe social distinta dos sacerdotes, como também, pode ser distinto o carisma de ambos. O mágico é dotado de atribuições especiais não escolhidas por si próprio. De acordo com o pensamento de Mauss, ninguém escolhe ser mágico. Além dos sinais externos, para se tornar mágico, passe-se por um processo de iniciação, que, além de contar com os dados da revelação e da consagração, vão além de legitimar seus atributos especiais. No caso do mágico, não há uma instituição que o legitima, ele se legitima por atributos ou tradição, diferentemente da religião e do sacerdote, que é pública, institucionalizada. Para conhecer a magia, além do conhecimento de quem a pratica, é necessário também conhecer como ocorre à mesma, ou seja, como se dá o ato mágico. Mauss, nesse aspecto, adentra a complexa noção de rito. Mas, que ritos são esses, através dos quais se dá o ato mágico? O que se sabe, é que as práticas mágicas, se caracterizam por um conjunto de condições que fogem às condições normais da existência. Os ritos mágicos, não se praticam em qualquer lugar, e é necessário conhecer o local e a natureza das coisas que fazem parte do rito mágico. O tempo todo, Mauss, tenta mostrar que os atos mágicos são praticados com coisas especiais, e em momentos especiais. Faz-se um paralelo com o sacrifício, que é um ato religioso, contrapondo-o com as práticas mágicas. Esse contraponto é para mostrar que a diferença fundamental está no rito, porque os demais atos, entre os elementos mágicos e os religiosos, são idênticos. Enquanto para

Durkheim, a magia é um fenômeno individual, para Mauss, é um fenômeno coletivo. Mas, ambos, concordam que ela pertence ao campo do sagrado.

O mágico acredita na força da magia, apesar de saber que ela é manipulável. Essa força é social, vem do coletivo, exatamente aquilo que Durkheim descreve sobre a religião. A representação do coletivo é de uma força tal, que funda o sagrado. Para Durkheim, as forças que fundam o social estão na religião, enquanto para Mauss encontram-se na magia. São forças que, apesar de imbuídas de mistério, são também propiciadas, manipuladas. Enfim, o que se sabe, é que tais forças são oriundas do mundo do sagrado, e o sagrado, o qual pertence tanto a magia quanto à religião, é um mundo que escapa a racionalidade, por isso é de difícil equação.

O fato de se constatar que a religião e a magia brotam do social, não é o suficiente para responder aos questionamentos que emergem do universo da magia, e é isso que Mauss pretende fazer: mostrar que não é só isso. Que não basta constatar que religião e magia são fenômenos sociais, que nascem do coletivo, e que do coletivo se tem à experiência do sagrado, ou ainda, que as forças coletivas engendram o sagrado. Ele não dá respostas aos muitos questionamentos que emergem de suas reflexões, deixando em aberto uma gama de possibilidades para que as reflexões em torno das mesmas, possam continuar. Destas reflexões sobre a magia, conclui-se que: a magia é um fato social; que para estudar a magia, é necessário antes estudar os ritos que a compõem; e que, para estudar os ritos que a compõem, é preciso conhecer quem pratica o rito; que o rito, como algo fundante, constitui a partir do social; e que o social transcende a realidade do indivíduo; que a noção fundamental de todo ritual é a noção de sagrado. Enfim, Mauss, trabalha com as idéias em círculo, de forma dialética, não atingindo uma síntese definitiva, deixando seus escritos como uma obra inacabada. Ou seja, não trabalha diretamente com a magia, mas com o meio em que a magia acontece, com os elementos que a envolve e que envolve também o mágico, os ritos por ele praticados, seus atos e suas representações. Mauss busca analisar a magia, a partir de uma instância que transcende o indivíduo. Em lugar de colocar o foco nas relações sociais, ele coloca no rito, demonstrando que a vida é um conjunto de ritos, que vão além das relações sociais. Busca compreender o social por meio das ações ritualizadas. Para o autor, o fundamental para a compreensão do social, é a análise dos ritos, e, para isso, é necessário distinguir o que é religioso do que é mágico. Ele aborda a esfera

do sagrado onde religião e magia, de forma intermitente, se co-habitam, mas deixa transparecer que o mágico está no campo do profano, enquanto o religioso, ou o sacerdote, está na esfera do sagrado.

Para resumir, lembramos que a preocupação com o rito perpassa todo o escrito de Marcel Mauss, e ele busca, através da análise do mesmo, uma instância que transcenda o individual. Dessa forma, em vez de destacar as relações sociais, ele destaca os ritos que permeiam tais relações, demonstrando que a vida é muito mais que um conjunto de relações sociais. Ela é, sim, um conjunto de rituais. Assim sendo, Mauss busca compreender o social por meio das ações ritualizadas, ou seja, o fundamental para a compreensão do social é a análise e compreensão do rito. Na discussão sobre o rito, proposta pelo autor, é essencial distinguir o que é religioso e o que é mágico, e isso só é possível através do estudo do rito, que possibilita distinguir e atingir a finalidade determinada, que é obter uma clara noção de sagrado. É também isso que o move no estudo da magia, pois a noção de sagrado só é possível quando se tem seu oposto para contrapor. Para Mauss, o que torna uma sociedade única, é o fato dela constituir-se a partir de ritos. É como se ele fosse o elemento que institui a vida social, aquilo que dá sentido as relações sociais, que ajuda a despontar as especificidades da mesma. Ao ler o texto sobre a magia, podemos perceber que, para Mauss, o homem é um animal de ritos, e é, em partes, isso que o difere dos demais. Ao estudar o sacrifício, ele está interessado, juntamente, no rito, porque é o rito sacrificial que vai dar-lhe a melhor noção do sagrado.

Enfim, Mauss encerra o texto sobre a magia, não concluindo seu pensamento, e não dando respostas prontas aos questionamentos incitados, além de afirmar que as pesquisas do tema proposto devem continuar, mas incidindo o interesse menos sobre o plano e a composição dos ritos que sobre a natureza dos meios de ações da magia.⁵

Para aprofundar um pouco mais nos estudos de Marcel Mauss sobre a magia que se dá nas intermitências da religião, se faz necessário retomar também seu texto referente “*as origens mágicas das técnicas e das ciências*”, publicado em “*Année Sociologique*”,⁶ no qual ele dá um novo enfoque a magia, destacando sua importância na história não só dos estudos da religião, mas do próprio pensamento social. Nesse texto, o autor considera a

⁵ Idem, p. 181.

⁶ M. MAUSS et H. HUBERT, *Année Sociologique*, Paris, Alcan, 1902-1903, T. VII, pp. 144 - 146. In: Romano BARRETO & Emilio WILLEMS. *Leituras Sociológicas*, São Paulo, 1940, pp.145-150.

magia uma técnica infantil. Infantil não no sentido de superficial ou inconstante, mas de princípio, de base, de começo de todas as demais técnicas. É, portanto, segundo ele, a mais primeva de todas as técnicas. Dela se originaram muitas outras técnicas e ciências que temos hoje, mesmo as de objeto complexo, ação incerta e métodos delicados, como a Farmacologia, a Medicina e a Cirurgia, entre outras. Além destas, também aquelas que são consideradas, segundo Mauss, herdeiras diretas da Alquimia, como a Metalurgia e a Técnica de esmaltar. Essas duas últimas, de acordo com o pensamento de Mauss, não teriam podido viver, se a magia não lhes tivesse dado apoio, e, para fazê-las durar, não tivesse, afinal, pouco mais ou menos absorvido. Segundo ele, os meios empregados nestas ciências, se desenvolveram na magia, em redor de um núcleo reduzido quanto possível, de descobertas mais antigas, puramente técnicas. Ele arrisca, ainda, supor que outras técnicas mais antigas, mais simples talvez, mais cedo se desligaram da magia, mas que não deixaram de, igualmente, se confundirem com ela no início da humanidade.

Se retomarmos a história das técnicas, elas nos ensinam que há entre elas e a magia, uma ligação genealógica. De acordo com Mauss, é mesmo em virtude de seu caráter místico que a magia colaborou com as técnicas em sua formação. Pode-se dizer que a magia forneceu-lhes um abrigo, sob o qual às técnicas se desenvolveram. O abrigo que Mauss se refere é a autoridade, ou a legitimidade certa, fornecida pela magia as demais técnicas. Foi a magia que forneceu sua eficácia real às experiências práticas não só dos mágicos, mas também dos técnicos e cientistas, e, aqui, neste caso, de acordo com o texto analisado, nos autoriza a acreditar que também aos sacerdotes. Experiência que, sem ela, as técnicas, as ciências, e, porque não, a própria religião, seriam mal sucedidas. Portanto, não dá para desconsiderar que a magia está na base, não só de quase todas as técnicas científicas que temos hoje, mas também das religiões, embora, nesse texto sobre “as origens mágicas das técnicas e das ciências”, Mauss não se refira diretamente sobre essa interferência da magia na religião, como ela a faz no “esboço de uma teoria geral sobre a magia”. O que pretendemos apontar, com estas comparações, é o parentesco entre os atos mágicos e religiosos, como encontramos na maioria das técnicas e ciências que temos hoje, segundo Mauss.

Para Mauss, as ciências, as técnicas e as religiões, são como os germes que frutificaram sobre o terreno da magia; mas elas suprimiram esta. Hoje elas estão

praticamente despojadas de tudo quanto lhes haviam emprestado de místico, exceto a religião, que continua, de certa forma, com certos vínculos no campo da magia, de difícil distinção, principalmente quando se trata de devoções populares. Os processos que subsistem têm, cada vez mais, mudado de valor. Se antigamente eram atribuídas as ciências e as técnicas, virtudes místicas, hoje, mesmo à religião (no caso a oficial), não têm mais que uma ação mecânica, exceto em alguns casos. A religião, pelos seus elementos intelectuais, tende à metafísica, enquanto a magia, segundo Mauss, está mais ligada ao concreto, e, com isso, tende a conhecer mais a natureza.

Esse apego à realidade concreta e a natureza, por parte da magia, faz com que ela se constitua, segundo Mauss, numa espécie de *index* das plantas, dos metais, dos fenômenos, dos seres em geral, tornando um primeiro repertório das ciências astronômicas, físicas e naturais. De fato, certos ramos da magia, como Astrologia e Alquimia, eram, na Grécia, físicas aplicadas; era então justo que os mágicos recebessem o nome de físicos e que a palavra física fosse sinônimo de mágico. Mauss destaca ainda que, uma parte das ciências, nas sociedades primitivas, foi elaborada pelos mágicos. Eram considerados do campo da magia não só os astrólogos, astrônomos e alquimistas, mas também os médicos, físicos e químicos. Portanto, Mauss afirma: podemos supor, que além destas, outras ciências mais simples, tiveram as mesmas relações genealógicas com a magia, o que leva-nos a supor também que o mesmo ocorreu com a religião. Por isso, não é de se estranhar que nas práticas religiosas do catolicismo popular a crença mágica esteja tão presente.

Entretanto, Mauss afirma pensar “encontrar, na origem a magia, a forma primeira de representações coletivas que se tornavam, depois, os fundamentos do entendimento individual”⁷, que vamos encontrar depois em outros campos, inclusive no campo das práticas religiosas populares, onde magia e religião se convergem num amálgama de ritos, mitos e símbolos. Dessa forma, se conclui que as representações coletivas que encontramos na religião tiveram suas origens na magia, o que nos autoriza afirmar, pelo menos neste caso estudado, que a magia e a religião ainda mantêm estreitos vínculos. Esse vínculo a que nos referimos é constatado também por outros pesquisados da religião. Max

⁷ Idem, p. 150.

Weber⁸ não descarta a possibilidade da existência da magia nas intermitências da religião, mesmo que essa religião possua deuses com poderes “supra-sensíveis” as necessidades dos fiéis, porque a magia, de um modo geral, também propicia certa segurança àquele que a ela recorre.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In; *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac & Naif, 2003, pp.47-181.

Marcel MAUSS e Henri HUBERT. Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício (1899). In; *Ensaio de Sociologia*, 2º ed., São Paulo, Perspectiva, 2001, pp. 141-227.

Marcel MAUSS e Émile DURKHEIM. Algumas Formas Primitivas de Classificação. In; *Ensaio de Sociologia*, São Paulo, Perspectiva, 2º ed., 2001, pp.399-455.

M. MAUSS et H. HUBERT, *Année Sociologique*, Paris, Alcan, 1902-1903, T. VII, pp. 144 - 146. In: Romano BARRETO & Emílio WILLEMS. *Leituras Sociológicas*, São Paulo, 1940, pp.145-150.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*, vol. 1, Brasília e São Paulo, UnB & Imprensa Oficial, 2004, p. 292.

⁸ “[...] de fato, a segurança da magia, uma vez comprovada, é muito maior do que o efeito da veneração de um deus não mais influenciável por meios mágicos por ser demasiadamente poderoso. A concepção dos poderes ‘super-sensíveis’ divinos, mesmo como um deus universal, não elimina, assim, por si, as antigas idéias mágicas (nem no cristianismo), porém faz com que surja uma possibilidade dupla [...]”. cf. Max WEBER. *Economia e Sociedade*, vol. 1, Brasília e São Paulo, UnB & Imprensa Oficial, 2004, p. 292.

**Revista Nures nº 5 – Janeiro/Abril 2007 – <http://www.pucsp.br/revistanures>
Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP**